



Saúde Pública

Postada em:22/07/2008

Os cirurgiões-dentistas Carla Gonçalves Gamba e Luiz Alberto Ferraz de Caldas falam da importância da sedação mínima via oral e inalatória em pacientes com necessidades especiais atendidos pelo SUS (hipertensos, diabéticos, com deficiência mental, auditiva, insuficiência renal, entre outros). Ou seja, aqueles que têm algum tipo de comprometimento médico que levam a algum risco com o atendimento



odontológico. O atendimento desses pacientes utilizando a sedação mínima, via oral (comprimido midazolam) ou inalatória (óxido nitroso) requer capacitação dos profissionais. No País, o percentual de cirurgiões-dentistas que estão habilitados a fazer uso da técnica está entre de 2% e 5%, estima Luiz Alberto.

A dissertação de mestrado profissionalizante em Odontologia em Saúde Coletiva, defendida por Carla e Luiz Alberto na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP) da Unicamp, sob coordenação dos professores Francisco Carlos Groppo e Maria Cristina Volpato, revela que a prática de utilizar a sedação mínima pretende incluir esses pacientes com segurança. Os profissionais por falta de conhecimento ou preparo se recusam a prestar atendimento a esse público, disse Carla. Em geral, se esse paciente estiver com uma crise hipertensiva, como por exemplo, com a pressão arterial acima do nível de normalidade, na grande maioria das vezes, não é atendido. Caso o atendimento seja realizado o sem o pré-anestésico, pode agravar sobre maneira o estado do paciente. A única forma de atendê-los com segurança é por meio da inalação via oral ou sedatória, conta Alberto.

Os trabalhos foram realizados em dois anos e desenvolvidos baseados em um protocolo de capacitação dos profissionais da rede pública de Saúde no município de Vasouras, Rio de Janeiro. O estudo comparou duas vias de sedação mínima, inalatória e oral, em pacientes em tratamento portadores de necessidades especiais e no atendimento de emergência com dor. No último caso, a pesquisa foi aplicada em todas as pessoas independente se possuíam necessidades especiais ou não.

Luiz Alberto conta que quando os pacientes chegam ao atendimento de emergência, em geral, são portadores de várias enfermidades, além de estar com o estado emocional e físico desgastado devido à noite mal dormida, sem se alimentar corretamente, tensos, ansiosos e com bastante dor. Observamos que todos esses pacientes tinham uma variação significativa nos parâmetros cardiovasculares. Chegam com a pressão arterial e a saturação da hemoglobina periférica alterada, frequência cardíaca e respiratória acima do normal, avaliou. Os pacientes que foram atendidos sem sedação e com sintomas elevados, continuaram sentindo as mesmas alterações. Já os que foram atendidos com sedação tiveram uma diminuição da pressão, retornando aos parâmetros normais.

Com isso, conseguimos provar que os pacientes atendidos de emergência, se não aumentarmos a segurança com sedação, podemos levá-los a picos importantes de

pressão arterial e frequência cardíaca, o que seria suficientemente capaz de fazê-los a desenvolver uma emergência médica no consultório , relata Alberto.

Luiz Alberto selecionou cem pacientes que foram atendidos na emergência. Destes, 50% receberam atendimento sem sedação e os outros 50% com sedação. Carla desenvolveu o estudo com cem pacientes e realizou trezentos procedimentos, sendo 100 sem sedação, 100 com sedação mínima inalatória e 100 com sedação mínima oral.

De acordo com os pesquisadores, a sedação via oral tem menor custo e gera menor tempo de atendimento (ideal em termos de saúde pública). O paciente quando ingere o midazolam fica cerca de 30 minutos aguardando o efeito desse comprimido na recepção, o que gera na cadeira outro atendimento. Já no caso da via inalatória precisa de dez minutos para que o paciente entre no processo de sedação (na medida em que o paciente começa a inalar o gás) e mais cerca de 10 minutos para ele sair do processo. Desta forma, o paciente fica mais tempo na cadeira do dentista

A partir de agora, os pesquisadores pretendem difundir essa informação, como aconteceu recentemente no Programa do Jô, da Rede Globo. Eles ainda desenvolvem um projeto na APAE, na cidade de Miguel Pereira, Rio de Janeiro, onde realizam atendimento de pacientes especiais com sedação, seja ela via oral ou inalatória.

Texto e fotos: [César Maia](#)